

Nem todas sobrevivem

MARIANA FLORES

DA EQUIPE DO CORREIO

O otimismo dos empresários do ramo educacional é confirmado por pesquisas que mostram que o Distrito Federal é o melhor mercado do país para o setor. Mas o sucesso nem sempre é garantido, adverte a presidente do Sindicato dos Estabelecimentos Particulares de Ensino do Distrito Federal (Sinepe-DF), Amábile Pacios. Uma prova, segundo ela, é o fechamento de pelo menos três unidades do Plano Piloto neste final de ano — os colégios Rosário e Nossa Senhora do Carmo e o Educandário Espírito Santo — segundo informações já repassadas pelas escolas ao sindicato. Com o encerramento das atividades, cerca de 1 mil alunos serão remanejados em 2008.

A culpa do fechamento, na opinião de Amábile, está nas dificuldades que algumas instituições encontram em se adaptar às exigências do mercado. “É preciso fazer investimentos, promover mudanças na proposta pedagógica, e profissionalizar. Quem não faz isso é excluído do mercado. As escolas devem ter agilidade para atender às exigências do mercado, como incluir uma atividade como balé no currículo, por

Ademir Farias/Divulgação



FRASE

**“QUEM NÃO
INVESTE É EXCLUÍDO
DO MERCADO”**

*Amábile Pacios,
presidente do Sindicato dos
Estabelecimentos
Particulares de Ensino do
Distrito Federal (Sinepe-DF)*

exemplo”, analisa. “Mas estes são problemas empresariais, o setor não está em crise. Pelo contrário, todo ano a gente ganha alunos nas escolas privadas”.

Uma pesquisa recente divulgada pela Fundação Getúlio Vargas mostra que quase um terço dos lares brasileiros (31,32%) possuem alunos matriculados em escolas privadas e os chefes de família

comprometem 11,21% do orçamento com mensalidades, além da compra de livros e de material didático. A proporção é superior à média nacional. Entre as famílias brasileiras, o volume das que têm condições de pagar pelas mensalidades é de pouco mais de um quinto (22,13%) e a participação dos gastos cai para 9,11%.

A demanda maior em Brasília está relacionada à renda. Os dados traçam um perfil das famílias brasileiras que possuem filhos em instituições privadas de ensino. A quantidade delas é diretamente proporcional ao rendimento. Entre os trabalhadores com renda familiar acima de 15 salários mínimos — R\$ 5,7 mil — 58,61% pagam pelo estudo dos filhos. O volume cai para 25,36% entre os que ganham entre três e 15 salários e despenca para 7,18% entre os que recebem menos.

A baixa penetração entre as famílias de classe intermediária mostra que ainda há espaço para crescer, segundo análise feita pela Federação Nacional das Escolas Particulares (Fenep), mesmo com a explosão do volume de instituições nos últimos anos. Entre 1995 e 2006, o número de escolas particulares no país — do ensino infantil ao superior — aumentou 192%, enquanto o de alunos cresceu apenas 17%.